

OS BASTIDORES DE UMA PESQUISA EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO: O USO DA HISTÓRIA ORAL COMO FONTE

TATIANE VEDOIN VIERO¹; EDUARDO ARRIADA²

¹*Universidade Federal de Pelotas – tatianeviero@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas-Orientador – earriada@me.com*

1. INTRODUÇÃO

Atualmente, a História da Educação vem alcançando a sua consolidação como campo de conhecimento específico, por meio da realização de eventos, publicação de periódicos científicos e da criação e atuação de grupos de pesquisa através dos programas de pós-graduação. Esta área do conhecimento tem se consagrado como um campo multidisciplinar, agregando pesquisadores oriundos de diferentes campos científicos que muito podem contribuir com a História da Educação.

Nesse sentido, em minha pesquisa de doutorado analiso a gênese e consolidação através dos processos e motivações que levaram a criação de um museu histórico universitário na Universidade Federal do Rio Grande-FURG. Esta universidade em 1994 quando da passagem dos seus 25 anos de fundação, teve por meio da Superintendente de Extensão então a época a motivação para a realização de um projeto de extensão denominado “Núcleo de Memória da URG” (URG significava Universidade do Rio Grande na época, atual FURG), que nasceu conforme descrito no próprio documento da necessidade de se resgatar a memória da universidade.

Esse projeto de extensão de 1994 foi desativado após as festividades dos 25 anos sendo reativado em 1999 pela passagem dos 30 anos de fundação da universidade e se consolidando em um museu da história da FURG a partir de 17 de dezembro do mesmo ano. Foi quando o museu denominou-se de Núcleo de Memória Engenheiro Francisco Martins Bastos-NUME, ligado à Pró-Reitoria de Assuntos Comunitários e Estudantis-PROACE.

Nesse trabalho utilizei-me da corrente historiográfica caracterizada como Nova História Cultural que vem sendo empregada nos trabalhos articulados à História da Educação. Como paradigma de investigação, a Nova História Cultural é um grande marco para a História da Educação, permitindo aos pesquisadores a construção narrativa, o enfoque de temas, fontes e problemas de pesquisa. Para essa corrente historiográfica, “os documentos que descrevem ações simbólicas do passado não são textos inocentes e transparentes”; foram elaborados por diversos pesquisadores com diferentes intencionalidades. Cabe à nós, historiadores vinculados a essa teoria decifrá-los. (HUNT, 2001). A Nova História Cultural também caracteriza-se por um campo multidisciplinar e para Pesavento (2003) esse paradigma apresenta mais dúvidas do que certezas e isto não extingue do pesquisador a aventura de tentar capturar a vida e sentimentos dos homens do passado.

Desta forma, pretendo apresentar e discutir neste trabalho, o caminho metodológico que venho percorrendo e como venho utilizando a História Oral em meu processo investigativo. Essa discussão justifica-se no âmbito da História da Educação devido as grandes contribuições da História Oral como fonte (compactuo com a utilização do termo fonte na concepção de Ragazzini (2001) que diz que a fonte é uma construção do pesquisador, a única forma de contatar o

passado e que permite formas de verificação) para esse campo do conhecimento e também como meio de ressaltar a importância dos museus para a preservação de acervos e consequentemente, da memória e História da Educação. Considero relevante comunicar este trabalho onde exponho os bastidores da pesquisa, pois geralmente divulgamos os resultados das investigações e os caminhos que nos levaram a eles ficam “esquecidos”. Isto pode colaborar com outros pesquisadores que também estão se utilizando da História Oral como fonte.

2. METODOLOGIA

O problema da tese que por ora se desenvolve surge em decorrência de algumas indagações como, por exemplo: para o quê realmente se criou o museu? Para quem realmente se criou? O museu é um lugar de memória ou um lugar de esquecimento? Quem decide o quê e quando preservar? Minha hipótese é que a criação do museu não surgiu por uma iniciativa institucional, mas sim de um grupo de professores e técnicos (alguns já aposentados e outros ainda ativos) que idealizaram e fundaram o museu como forma de preservar suas memórias e deste modo, o museu hoje constitui-se mais como um lugar de esquecimento do que de memória, pois não possui políticas de memória.

Primeiramente, iniciei minha investigação pela pesquisa documental para obter os primeiros dados, informações sobre o museu em questão e também para abiscoitar nomes, pessoas, enfim, que me pudesse vir a compor o grupo de entrevistados para a História Oral. Compreendo também em relação às fontes e métodos, que a utilização de várias fontes pode contribuir muito com a pesquisa, através do entrecruzamento dos dados.

A pesquisa documental se vale de documentos que não sofreram um tratamento científico, ultrapassa a ideia de textos escritos ou impressos, por isso difere da pesquisa bibliográfica. O grupo documental constituiu-se de documentos oficiais da FURG como atas de reuniões da comissão Executiva e regimento do NUME, fotografias do museu, resoluções e portarias do Gabinete do Reitor, plano político pedagógico do curso de Arquivologia, regimento Geral da Universidade, Regimento da Reitoria, jornal universitário ‘FURG em Notícia’ e o projeto de extensão da exposição dos 25 anos da FURG de 1994 que deu origem ao museu. Foi realizada uma primeira leitura, pré-análise dos documentos a fim de selecionar as informações relevantes para a hipótese inicial da tese, posteriormente, serão analisados sob a ótica da análise documental historiográfica elaborando categorias temáticas com base nas próprias informações obtidas através das fontes documentais. Os documentos propiciaram muitas informações importantes, mas a metodologia da História Oral permitirá um maior aprofundamento das informações documentais.

Com base nos dados que obtive por meio da pesquisa documental até então, proponho a realização das entrevistas, com sujeitos que vivenciaram a criação, a história do NUME, como por exemplo, os presidentes do museu, os professores e técnicos que compuseram a Comissão Coordenadora das Festividades Alusivas ao 25º aniversário da FURG, as professoras coordenadoras do projeto de extensão de 1994, citado anteriormente, e outras pessoas que pelo desenvolvimento da pesquisa, podem ser ainda ser “descobertos” como participantes do período e contexto estudado. Até o presente momento foi realizada uma entrevista a qual foi realizada no início de 2015, futuramente, novos contatos estarão sendo realizados para proceder e dar andamento as mesmas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Meu primeiro entrevistado foi o atual presidente do museu, o qual esteve envolvido no projeto de extensão da exposição de 1994 da passagem dos 25 anos da FURG, era o Pró-Reitor da PROACE em 1999 quando da reativação do projeto e consolidação em museu em 1999. Inicialmente, estabeleci um primeiro contato para me apresentar e falar do objetivo da pesquisa. Utilizei um roteiro com perguntas semi-estruturadas, por entender que esta forma de entrevista é a que mais se adequa a realização de minha pesquisa, pois permite uma sequência lógica de informações a serem obtidas e não estingue a articulação entre o entrevistador e entrevistado, propiciando narrativas mais detalhistas que proporcionarão uma análise mais aprofundada. Foi exatamente o que aconteceu em minha entrevista, conforme o entrevistado ia-me relatando suas lembranças sobre os fatos, eu podia ir fazendo outras perguntas que podiam complementar determinadas informações.

Em relação aos dados obtidos na entrevista muitos destes corroboram com as fontes documentais, mas muitos também foram desvelados pelas memórias do entrevistado, por exemplo, em relação ao período que antecedeu a criação da universidade, os grupos que estiveram engajados neste processo e, também principalmente, a gênese, a consolidação e o “fazer” do NUME como a questão das doações dos documentos e peças que constituem o seu acervo, os critérios de seleção dos documentos para exposições itinerantes e a sua preocupação com a preservação da memória da FURG através do museu. Isto me possibilitou a construção da hipótese de tese, o que seria neste caso, praticamente impossível somente com as fontes documentais.

Futuramente, como já mencionado prosseguirei com a realização das entrevistas e assim, será possível também confrontá-las entre si, da mesma forma que com as fontes documentais. Enfim, destaco a história Oral como a experiência vivida, o ato de rememorar não somente pelo exercício da lembrança, mas também pelas formas de lembrar ou esquecer.

4. CONCLUSÕES

Primeiramente, gostaria de salientar que as considerações aqui apresentadas são parciais, uma vez que a pesquisa encontra-se em fase de desenvolvimento. Por meio deste trabalho procurei destacar a relevância do uso da História Oral como fonte de pesquisa em investigações do campo da História da Educação. Procurei brevemente, apresentar minha pesquisa para situar o leitor do contexto em que a História Oral vem sendo utilizada. A memória possui também a capacidade de construir vínculos entre os indivíduos, é um instrumento de identidade, um elemento de coesão social que possibilita o pertencimento dos indivíduos em grupos. Isto fica muito claro no momento da entrevista de História Oral.

Ressalto igualmente, com base nos dados já levantados a relevância das políticas de memória, pois os monumentos, as celebrações, os memoriais, os lugares de memória etc. são discursos do passado que precisam das políticas para garantir a sua preservação. Isto fica muito claro em relação ao NUME e muito disso posso compreender graças ao uso da História Oral, que também permite que o pesquisador no momento da entrevista, se sinta “contaminado” pelas memórias do entrevistado, o fazendo se sentir parte da história narrada.

Por fim, destaco a relevância da História Oral para as pesquisas em História da Educação. Ela certamente, por meio das memórias, das

reminiscências e do entrelaçamento com outras fontes é capaz de projetar para o presente acontecimentos passados, que muitas vezes somente outras fontes como a documental não poderiam proporcionar. Porém, deve caber muita sensibilidade e ética por parte dos historiadores orais, pois interagem com pessoas e suas memórias que muitas vezes podem ser dolorosas. Assim, considero a História Oral como uma arte científica, é a arte da projeção da memória viva que se projeta do passado para o presente e do presente para o futuro.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HUNT, Lynn. **A Nova História Cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História Cultural: experiências de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

RAGAZZINI, Dario. **Para quem e o que testemunham as fontes da História da Educação?** In: Educar: Curitiba, n. 18, p.13-28, 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/er/n18/n18a03.pdf>>. Acesso em: 02 jun. 2015.